

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA / PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS, INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

**PAISAGEM CULTURAL, TEMPO E NARRATIVA: REGIMES DE
HISTORICIDADE E PATRIMÔNIO URBANO**

Jeanine Mafra Migliorini (jemafra@hotmail.com)

Ana Ruschel (analuizaruschel@gmail.com)

A noção de paisagem cultural tem se consolidado, nas últimas décadas, como uma categoria fundamental para a compreensão das relações entre patrimônio, cidade e memória. Longe de ser entendida como um dado natural ou um cenário neutro, a paisagem cultural constitui-se como construção histórica e simbólica, atravessada por escolhas, narrativas e disputas de sentido, conforme apontam os estudos críticos do patrimônio. Nesse contexto, a patrimonialização não se limita ao reconhecimento de bens ou lugares, mas participa ativamente da produção de visibilidades e apagamentos, orientando modos específicos de relação com o passado no espaço urbano. Este trabalho propõe uma reflexão conceitual sobre a paisagem cultural urbana a partir do diálogo entre a teoria da história e os estudos do patrimônio, tomando como eixo central a noção de regimes de historicidade. Parte-se da compreensão de que toda prática patrimonial está ancorada em experiências específicas do

tempo, mediadas por narrativas que articulam passado, presente e futuro, em consonância com a perspectiva narrativa da história desenvolvida por Paul Ricoeur, que evidencia o papel da interpretação na construção do sentido histórico e na mediação entre a experiência temporal e a memória coletiva. Em seguida, mobiliza-se a noção de regimes de historicidade formulada por François Hartog para analisar as transformações contemporâneas nas formas de relação com o passado, com especial atenção ao predomínio do presentismo. Esse regime, marcado pela centralidade do presente e pela fragilização das expectativas de futuro, tem impactado diretamente as práticas patrimoniais, favorecendo processos de aceleração, espetacularização e consumo simbólico do passado. No âmbito urbano, tais dinâmicas se expressam na constituição da paisagem cultural como dispositivo de fixação da memória, frequentemente materializado em lugares de memória, nos termos propostos por Pierre Nora, que buscam estabilizar identidades em contextos de mudança acelerada. Contudo, essa fixação não ocorre de forma neutra: envolve seleções, hierarquizações e silenciamentos, revelando o caráter político da patrimonialização, aspecto amplamente discutido por Françoise Choay ao problematizar a invenção moderna do patrimônio e seus usos contemporâneos. Ao articular tempo, narrativa e paisagem cultural, o artigo busca contribuir para o debate conceitual contemporâneo, oferecendo uma leitura crítica das práticas de patrimonialização urbana e defendendo que compreender os regimes de historicidade que as orientam é condição fundamental para repensar políticas de preservação mais reflexivas, sensíveis à pluralidade de temporalidades e experiências que constituem as paisagens culturais, especialmente nos contextos ibero-americanos.

Palavras-chave: paisagem cultural; patrimonialização; regimes de historicidade; memória urbana; narrativa histórica.